

RESENHAS CRÍTICAS

ROCHA LIMA (1992). *Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira*, Rio de Janeiro, José Olympio (prefácio de Antônio Houaiss).

Comovente e justíssima esta pequena grande homenagem que a benemérita Editora José Olympio acaba de render à memória de um dos maiores mestres da língua portuguesa que o Brasil já teve.

Neste cativante livrinho, reuniu a Editora José Olympio dois belos momentos da arte crítico-literária do saudoso colega e amigo. *Canção de muitas Marias* foi publicada pela primeira vez na *Homenagem a Manuel Bandeira* (1986–1988), em 1989, graças à operosidade e amor à língua portuguesa desse valoroso filólogo que é o Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, fundador e presidente da Sociedade Sousa da Silveira, onde germinou e frutificou a iniciativa. *Os sapos* estavam inéditos.

Quis Rocha Lima distinguir os companheiros do **Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro** com as primícias do texto. E fê-lo com a vibração e seriedade sempre renovadas em seu nobre ofício de mestre e educador. Foram numerosos os amigos que acorreram a ouvi-lo, a tarde, das mais memoráveis, estávamos todos presos ao encantamento de sua palavra criadora. Mas o Destino foi-lhe aos poucos roubando a sonoridade da voz, interrompeu-lhe a fala e acabou por emudecê-lo sem rémissão. Os amigos assistiram-no nos seus últimos instantes, os socorros médicos não conseguiram reverter o insidioso processo, foi tudo muito rápido.

Compreende-se, pois, o sentimento pesaroso destas linhas. Mas que não lhe retira a face objetiva de breve recensão.

Em *Os sapos* quis Rocha Lima ressaltar o que ainda sobrevive no poema de herança parnasiano/simbolista e de irrecusável lirismo, o que torna insatisfatória uma crítica que veja em tais versos apenas intenção satírica. Lembra Rocha Lima estas linhas do *Itinerário de Pasárgada*:

Nunca atacamos publicamente os mestres parnasianos e simbolistas, nunca repudiamos o soneto nem, de um modo geral, os versos metrificadas e rimados. (p. 53).

Quanto à arte poética de *Os sapos* (composto em 1918 e publicado no ano seguinte, em *Carnaval*), salienta Rocha Lima:

Seus 55 versos, em redondilha menor, rimados e metrificadas, agrupam-se em 14 estrofes – 13 quadras e um terceto –, de rimas alternadas (abab) nas quadras, e de versos monorrimos (aaa) no terceto. (p. 42).

E, em relação à prosápia do "parnasiano aguado": "Vede como primo / Em comer os hiatos!", põe em destaque isto "No entanto, o que em *Os sapos* se pratica – e quase sistematicamente – é a sinalefa (...) e a sinérese (...)". E acrescenta:

A começar pela própria palavra "hiatos", aí escandida como dissílabo, pronúncia pouco espontânea no Rio de Janeiro (p. 43).

As suas observações quanto ao aspecto fono-estilístico do poema são notáveis, e penso que até agora não haviam sido assinaladas. A aproximação que faz do primeiro terceto do soneto "A ceia" (inserto em *Carnaval!*) com o final de "A sesta de Nero", de Bilac, surpreende, aponta-o com justa razão Rocha Lima, pelo caráter "bilaquiano" ("mereceria a assinatura do Bilac"). Ei-lo:

Três gregas de alvos pés, pubescentes e esguias,
Torcendo os corpos nus donde acre aroma escapa,
Dançam meneando véus, flexíveis como enguias. (p. 47)

Por todos esses motivos diz Rocha Lima nas primeiras páginas do artigo-ensaio:

Contrariamente à convicção, muito generalizada, de esta sátira representar simples crítica demolidora ao modelo bilaquiano – repudiado como símbolo de passadismo – creio que ela encerra significação muito mais ampla e profunda. (p. 38)

E, no fecho do artigo:

Mais para ser presentido pela sensibilidade do que captado pelo entendimento: mudando o rumo à linha satírica (não condizente, aliás, com a sua índole), retorna Manuel Bandeira à autenticidade do seu lirismo inato, ao descrever, nas três estrofes finais, o agudo desalento do sapo-cururu, "transido de frio", "sem glória, sem fé", a soluçar, solitário, à beira do rio: a imagem da alta e pura poesia.

E aí encontramos a verdade do poema. (sublinhado pelo autor; p. 51).

Verdadeira chave-de-ouro do poema e das lúcidas e aliantes análises de Mestre Rocha Lima.

Não queremos, contudo, encerrar estas considerações sem uma dupla referência: uma, do próprio Rocha Lima, que vem no **Pórtico** deste excelso livrinho, outra do consagrado prefaciador, mestre Antônio Houaiss.

O **Pórtico** – que vai transcrito em página de abertura deste número – é o legado espiritual às novas gerações de um mestre insigne, que não quis ser, durante toda a sua luminosa existência, senão o guia inspirado que vai revelando aos discípulos os caminhos por onde passam as altas lições dos que souberam ver na língua materna

dignamente praticada a melhor forma de expressão para os seus anseios de vida e inteligência das coisas postas em desafio ao conhecimento humano.

E a Houaiss, outro nobre benfeitor da língua pátria, peço permissão para roubar-lhe estas felicíssimas palavras de suas "águas claras e cantantes", antes de assinar este preito de justiça ao inolvidável companheiro de muitas lides culturais:

Carlos Henrique da Rocha Lima – por seu magistério, por suas aulas, por sua devoção à nossa língua (e o que ela encerra como elixir de nossa sobrevivência coletiva), pela legião de seus alunos gratos, pelas obras que nos deu – é (e não precisará jamais morrer para sê-lo) alguém cuja vida é de si um documento, um monumento e um sacramento: bem haja!

Sílvio Elia
